



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MAYANNE LUNGUINHO

**AS MARCAS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NO ROMANCE STELLA
MANHATTAN**

CAJAZEIRAS - PB

2019

MAYANNE LUNGUINHO

**AS MARCAS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NO ROMANCE STELLA
MANHATTAN**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira
Júnior**

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB – 15/046
Cajazeiras - Paraíba

L963m Lunguinho, Mayanne.
 As marcas da ditadura militar brasileira presentes no romance Stella
Manhattan / Mayanne Lunguinho. - Cajazeiras, 2019.
 46f. : il.
 Bibliografia.

 Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.
 Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2019.

1. Estudos literários. 2. Ditadura militar. 3. Stella Manhattan. 4. Silviano
Santiago. 5. Literatura. I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.09

MAYANNE LUNGUINHO

AS MARCAS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA PRESENTES NO ROMANCE STELLA MANHATTAN

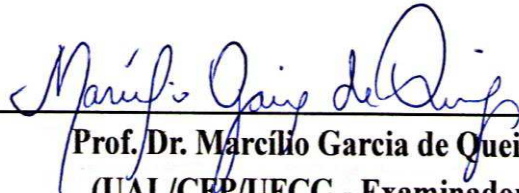
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 27/11/2019

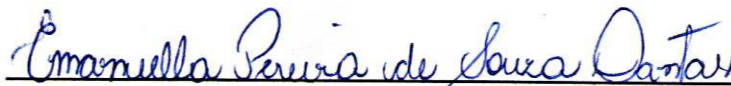
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof.ª Esp. Emanuella Pereira de Souza Dantas
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

*A Deus, por ser minha luz e minha força;
Ao meu esposo Leonardo, por todo apoio e
compreensão, DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por me dar força e coragem para enfrentar os obstáculos diários, e sempre me levantar quando eu pensava em desistir.

A meu esposo Leonardo, pelo companheirismo e compreensão em momentos que nem sempre eu merecia, por ser meu maior incentivador, me fazendo acreditar que sou capaz. Você me faz ser uma pessoa melhor a cada dia, meu amor e gratidão por tudo que representas na minha vida.

A minha mãe, Maria Remédios, e meus irmãos Michele, Marília, Mirele e Francisco Benedito, que mesmo com a distância e as dificuldades permanecemos sempre unidos.

Ao meu pai Benedito (in memória), estará para sempre em meus pensamentos.

Aos meus avós paternos, por estarem presentes na minha vida, me ensinando sempre o caminho do bem, a vocês por tudo, meu muito obrigada.

As minhas amigas, Mikaelly, Mayane, Sarah e Emmanuelle, pelos momentos compartilhados, que a nossa amizade construída na Universidade nos acompanhe por toda a vida.

Ao meu orientador, Nelson Eliezer Ferreira Júnior, por todos os conhecimentos transmitidos, pelo apoio e lições para que pudesse concluir com êxito essa etapa tão importante.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras, pela dedicação e responsabilidade com que conduzem as aulas para formação acadêmica e profissional de seus alunos.

“Os textos existem. [...]. Há romances, poemas, depoimentos, num leque que vai da mais extensa representação realista até as transformações mais distanciadas. São obstáculos levantados contra o convite ao esquecimento, contra sua possibilidade ou imposição; teimam em opor-se à hipocrisia de uma reconciliação amnésica que pretende calar o que, de qualquer modo, já se sabe.”

(Beatriz Sarlo, 1997, p. 32)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender e discutir a influência que a ditadura militar (DM) brasileira tem no romance *Stella Manhattan* de Silviano Santiago. Para tanto, utilizou-se como base teórica para esse trabalho principalmente os estudos de Rollembeeg (1999); Regal et al. (2001); Candido (2006), que retrata a relação entre a literatura e sociedade; Rezende (2013); Napolitano (2014), no quais tratam o período da DM brasileira em diferentes perspectivas; e Schollhammer (2009). No que se refere à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva que busca compreender os problemas abordados no romance *Stella Manhattan* de Silviano Santiago, no que se refere ao universo da pesquisa, está voltada para leituras teóricas acerca da relação entre a literatura e a sociedade, e do período da DM brasileira. Quanto à fundamentação, baseia-se em livros que retratam da familiaridade do meio social com a literatura e que expõem os fatos históricos do período ditatório. A finalidade do estudo é apontar no romance *Stella Manhattan* fatos que remetam a DM brasileira, e analisar dentro da obra quais questões podem direcionar o leitor a fazer uma associação entre o romance de Silviano Santiago e os acontecimentos políticos e sociais que decorreram o regime militar. O romance de Santiago discute toda uma temática de identidade de gênero, além de trazer para o leitor eventos de um Brasil governado por militares. Deste modo, ao usar a DM como plano de fundo do romance *Stella Manhattan*, Santiago apresentou através dos personagens, os acontecimentos no Brasil durante os anos de chumbo. Usando a construção do livro para mostrar fragmentos de uma realidade vivida, sem o compromisso historiográfico, mas trazendo para os leitores a história vestida de ficção. Obras como a de Silviano Santiago são relevantes para a discussão atual, e demonstram quanto a literatura contribui com a sociedade. A ficção brasileira contemporânea dá luz a esse passado, e continua a iluminar a recente conjuntura sócio-política, em que o discurso autoritário parece nos assombrar novamente. O discurso encontrado na obra, caberia muito bem a conjunta vigente, em diversos aspectos, e também podem ser usados como resistência e luta, a tudo que vem se apresentando no nosso cenário, social-cultural-político.

Palavras-chave: Stella Manhattan. Silviano Santiago. Ditadura Militar. Literatura. Sociedade.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand and discuss the influence that the Brazilian military dictatorship has on Silviano Santiago's novel *Stella Manhattan*. Therefore, the theoretical basis for this work was mainly the studies by Rollemberg (1999); Regal et al. (2001); Candido (2006), which portrays the relationship between literature and society; Rezende (2013); Napolitano (2014), in which they treat the period of Brazilian DM in different perspectives; and Schollhammer (2009). Regarding the methodology, it is a bibliographical and descriptive research that seeks to understand the problems addressed in the novel *Stella Manhattan* by Silviano Santiago, regarding the research universe, is focused on theoretical readings about the relationship between the literature. and society, and the period of the Brazilian DM. As for the reasoning, it is based on books that portray the familiarity of the social environment with literature and that expose the historical facts of the dictatorial period. The purpose of the study is to point out in the novel *Stella Manhattan* facts that refer to the Brazilian DM, and analyze within the work which questions can direct the reader to make an association between Silviano Santiago's novel and the political and social events that followed the military regime. Santiago's novel discusses a whole theme of gender identity, as well as bringing to the reader events from a military-ruled Brazil. Thus, using DM as the background of the novel *Stella Manhattan*, Santiago presented through of the characters, the events in Brazil during the lead years. Using the construction of the book to show fragments of a lived reality, without the historiographical commitment, but bringing readers the story dressed in fiction. Works such as Silviano Santiago's are relevant to the current discourse, and demonstrate how much literature contributes to society. Contemporary Brazilian fiction sheds light on this past, and continues to illuminate the recent socio-political conjuncture, in which authoritarian discourse seems to haunt us again. The discourse found in the work, would fit the prevailing joint, in many aspects, and can also be used as resistance and struggle, to everything that has been presented in our scenario, social-cultural-political.

Keywords: *Stella Manhattan*. Silviano Santiago. Military dictatorship. Literature. Society.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	-	Ato Complementar
AI	-	Ato Institucional
ALN	-	Ação Libertadora Nacional
ARENA	-	Aliança Renovadora Nacional
CFP	-	Centro de Formação de Professores
CNV	-	Comissão Nacional da Verdade
COLINA	-	Comando da Liberdade Nacional
DCDP	-	Divisão e Serviço de Censura Divisões Públicas
DM	-	Ditadura Militar
DOI	-	Destacamento de Operações e Importações
DOPS	-	Delegacia de Ordem Política e Social
DPF	-	Departamento de Polícia Federal
FBI	-	Departamento Federal de Investigação
MDB	-	Movimento Democrático Brasileiro
MR	-	Movimento Revolucionário
MR-8	-	Movimento Revolucionário 8 de outubro
OEA	-	Organização dos Estados Americanos
OLAS	-	Organização Latino-Americana de Solidariedade
PCB	-	Partido Comunista Brasileiro
PCBR	-	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PTB	-	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC	-	Pontifícia Universidade Católica
RM	-	Regime Militar
SNI	-	Serviço Nacional de Informação
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFMG	-	Universidade Federal de Campina Grande
VAR	-	Palmares - Vanguarda Armada Revolucionária
VPR	-	Vanguarda Popular Revolucionária

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A LITERATURA E O PERÍODO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA	15
2.1 A LITERATURA VISTA POR UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL.....	15
2.2 DITADURA MILITAR BRASILEIRA.....	18
2.3 EXÍLIO: RESISTÊNCIA E LUTA DURANTE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	20
2.4 A LUTA PELA RETOMADA DA DEMOCRACIA “GERAÇÃO 68”	24
3 REPERCUSSÕES DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NO MEIO ARTÍSTICO E LITERÁRIO.....	27
3.1 A RELEVÂNCIA DAS ARTES EM MEIO A REPRESSÃO	27
3.2 A DITADURA MILITAR VISTA PELA LITERATURA.....	31
4 ANÁLISE DAS MARCAS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NO ROMANCE STELLA MANHATTAN.....	36
4.1 PERSONAGENS E SUA RELAÇÃO COM A DITADURA.....	38
4.1.2 Coronel Vianna	38
4.1.3 Aníbal.....	39
4.1.4 Marcelo	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A abordagem da ditadura militar (DM) brasileira no romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, deu-se pelo anseio de compreender a influência que a sociedade e o seu contexto histórico exercem nas obras literárias, e como os autores se utilizam desses aspectos como inspiração para sua criação ficcional. A literatura permite que diferentes discursos sejam representados, dentro de um contexto estabelecido, e analisar a DM dentro de um romance é, entre outros aspectos, compreender a relação que a literatura mantém com o meio social.

Segundo Candido (2006), o componente social se torna um dos muitos que influenciam na constituição do livro, assim como os aspectos linguísticos, psicológicos, entre outros. Neste tipo de estudo, em que a organização é baseada em um ponto de referência, independente das divisões, o lúdico se torna para o crítico um catalizador, estimulando uma produção coerente e relacionando toda estrutura da obra.

Na estrutura do romance de Silviano é perceptível a influência que a DM exerce na construção do texto, com referências claras ao regime militar (RM). A obra ficcional de Silviano carrega forte componente histórico, e assim, ao analisar as marcas da DM presentes no romance *Stella Manhattan*, a ficção se junta com a historiografia, em uma obra dinâmica e múltipla. Essa pesquisa nos leva não apenas a conhecer a estrutura interna do romance *Stella Manhattan*, mas através de uma perspectiva externa, mostra também o Brasil dos anos de chumbo, e como o meio artístico e literário mobilizou-se contra a censura e a repressão.

Em concordância com essa temática, o presente trabalho teve como objetivo compreender e discutir a influência que a DM brasileira tem no romance *Stella Manhattan* de Silviano Santiago. Nesta obra, Santiago, utilizando-se da DM brasileira como cenário para desenvolver a narrativa, entre outras temáticas, traz a política que tem um papel relevante em que é possível observar fatos históricos, personagens, ambientes, datas e até mesmo nomes próprios que remetem ao período da DM brasileira.

A base teórica desse trabalho está fundamentada principalmente nos estudos de Candido (2006), que retrata a relação entre a literatura e sociedade; Rezende (2013), Napolitano (2014), Rollembeig (1999) e Regal et al. (2001), que tratam o período da DM brasileira em diferentes perspectivas; e Schollhammer (2009), atento à prosa brasileira contemporânea.

Essa pesquisa bibliográfica e descritiva procura compreender os problemas abordados no romance *Stella Manhattan* de Silviano Santiago, no que se refere ao universo da pesquisa, está voltada para leituras teóricas acerca da relação entre a literatura e a sociedade, e do período da DM brasileira. Este estudo tem como alvo apontar no romance *Stella Manhattan* fatos que remetam a DM brasileira, e analisar dentro da obra quais questões que podem direcionar o leitor a fazer uma associação entre o romance de Silviano Santiago e os acontecimentos políticos e sociais que decorreram o RM. Esta pesquisa é uma tentativa de compreender em quais aspectos a DM brasileira está presente no romance *Stella Manhattan*, analisando as semelhanças apresentadas no romance com os fatos históricos. Neste contexto, o trabalho tem a intenção de mostrar como o autor se utiliza de fatos históricos, sem ter o comprometimento com a verdade absoluta dos fatos, tendo em vista que esse não é o papel de uma obra literária. A época em que o romance se desenvolveu é um dos momentos mais delicados que o Brasil atravessou.

Entre os anos 60 e 80 o país vivenciou momentos tensos e com grandes mudanças que afetariam toda uma geração. Obras literárias, assim como *Stella Manhattan*, contribuíram para que as memórias dessas décadas não caíssem no esquecimento, com uma prosa social e histórica, ocuparam um lugar de destaque na literatura brasileira. O romance de Santiago, discute toda uma temática de identidade de gênero, além de trazer para o leitor eventos de um Brasil governado por militares.

2 A LITERATURA E O PERÍODO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Esse capítulo aborda criticamente a relação entre a literatura e o meio social, seus aspectos e pontos que podem convergir para um estudo mais aprofundado entre as obras literárias e a sociedade. Para tanto, esse capítulo estará voltado para uma perspectiva histórico-social, no qual pretende-se abordar o período da DM brasileira, pontuando outros aspectos importantes como o exílio e a luta armada.

O capítulo não se resume apenas à análise histórica da DM brasileira, mas pretende também mostrar, a partir desses fatos, a importância que eles tiveram no meio político e social brasileiro. Abriu-se espaço para que a literatura, assim como outras áreas da cultura, explorasse o tema, podendo assim, fazer com que as artes e a história atuem juntas.

2.1 A LITERATURA VISTA POR UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL

É notável reconhecer em uma obra literária aspectos que se assemelham com a sociedade de uma determinada época, compreender que está é capaz de apresentar referências históricas passíveis de comprovação, reconhecendo nos meandros da obra a presença de fatores históricos e sociais que são parte integrante de dilemas que se apresentam ou se apresentaram em algum momento na sociedade. Partindo desse princípio, esse tipo de produção literária é capaz de despertar outro olhar para literatura, uma literatura comprometida com a função social.

Pode-se atribuir à literatura diferentes sentidos, agregar a ela algo além do que lhe é próprio, enxergando diferentes perspectivas dentro de uma obra. Para que isso aconteça, é preciso analisar as diferentes concepções que o texto carrega, expressando um movimento centrípeto, pois cabe ao leitor captar o que a obra traz em suas entrelinhas; o contexto torna-se igualmente relevante, e o leitor pode levá-lo em consideração quando lê ou analisa uma obra literária. É incoerente a ideia de que ao longo dos séculos as artes não se assemelham com as transformações histórico-sociais vivenciadas pela humanidade. Ao contrário, por vezes a procura sempre foi por um alinhamento entre o mundo real e o imaginário, e esse mundo imaginário está na cabeça de pessoas reais, que conhecem e convivem com as transformações impostas pela sua natureza humana. As artes e a sociedade estão constantemente em transformação, uma sofrendo influência da outra neste processo.

Acerca dessa discussão que envolve a literatura e a sociedade, o crítico literário Antônio Candido dedicou boa parte de seus estudos, na tentativa de compreender a relação entre o campo literário e o meio social.

Conforme Candido (2006, p. 31) destaca no ensaio *A literatura e a vida social*:

A primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme os aspectos considerados no processo artístico.

Cada indivíduo recebe a influência do seu meio social e do momento histórico que atravessa. De certa forma, esses fatores são capazes de marcar o sujeito, que absorve ou extrai o que lhe é pertinente. Esse indivíduo que convive no meio social carrega em si uma visão de mundo que fora adquirida ao longo de sua existência. Artistas de diferentes meios, incluindo escritores de obras literárias, trazem para sua produção uma conexão com o mundo que conhecem, inserindo em suas criações artísticas elementos cotidianos existentes na sociedade, somando a isso, domínio com as palavras e capacidade de criar histórias que unem o mundo real com o mundo da ficção, criando um elo entre essas instâncias.

Candido (2006) salienta que os primeiros fatores socioculturais, que estão na estrutura coletiva, transmitem mais explicitamente o posicionamento do artista ou no aspecto de grupos recebedores; os segundos fatores estão relacionados aos valores e ideologias voltadas para a forma e o conteúdo; os terceiros fatores partem da técnica de comunicação e estão associados à relação e transferência. Eles revelam os momentos de produção, colocando o artista sob a ânsia de uma imposição interna, direcionando-o, segundo os padrões de sua época, selecionando temas pertinentes e utilizando-se de inúmeros contornos, com a posição decorrente agindo sobre o meio. Considera-se que “forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo” (CANDIDO, 2006, p. 31).

Tomaremos o romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, como exemplo, de que uma obra possui proporções sociais notórias. Publicada em 1985, o romance tem como tema central um escândalo sexual e político, porém traz como plano de fundo o período da DM brasileira. Ao escolher esse plano de fundo, o escritor traz à tona um dos períodos mais

conturbados da história do Brasil. Todos os desdobramentos do romance se entrelaçam com o período ditatorial brasileiro.

Levando em consideração os conceitos de Antônio Candido, pode-se compreender que ao criar essa obra de ficção, o autor levou em consideração a fase que a sociedade brasileira atravessou durante os anos de 1964 a 1985, período em que a DM ocorreu. A ação tem seu desenrolar no ano de 1969, que remete a diversos aspectos históricos ocorridos naquele ano, entre outras informações que o autor deixa transparecer no texto, cabendo ao leitor obter conhecimentos além do que está descrito, e analisar entre as linhas o viés ideológico presente na obra. Essa prerrogativa só é permitida porque a arte é passível de interpretações por parte do leitor, fazendo com que a obra literária se enriqueça a partir da relação que o leitor faz do texto com o contexto. Assim, foi possível questionar as condições em que essa obra foi produzida, a necessidade de sua produção e o impacto que ela exerce sobre o público.

Nas mais diversas sociedades, podemos notar a influência que as esferas sociais empreendem sobre os grupos artísticos e intelectuais, e como a voz deles pode contribuir para o desenvolvimento social da época, servindo como referência para futuras gerações. Candido nos aponta, mais uma vez, pontos que convergem com esse discurso.

A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contato indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público (CANDIDO, 2006, p. 47).

O contexto é um elemento a ser considerado pelo leitor. O autor passa a se relacionar com seus leitores a partir dessa relação estabelecida. Ocorrerá uma conexão de conhecimentos, sendo o texto o componente central. O contato com um romance vai além de folhear páginas e decodificar palavras, pois ao ler uma obra literária, o leitor passa a conhecer todo um universo de possibilidades, sendo possível descobrir nas linhas do texto, lugares, costumes, crenças, e porque não dizer as transformações sociais, através de produções artísticas de diferentes séculos. Por isso, é pertinente afirmar que a literatura e a sociedade dialogam nos diferentes períodos históricos. Estudos nessa área ainda necessitam de continuidade, discutindo as diversas formas, que a literatura pode manter seu olhar voltado para o real, tendo em vista a sua importância como arte, e quais contribuições as obras literárias terão para sociedade e para as futuras gerações.

Para Candido (2006), o papel social necessita da escolha ou do entendimento dos escritores e dos leitores de literatura. Perpassa pela particularidade de cada criação, da sua incorporação no universo de valores artísticos e da sua natureza de expressão, recompensada pela comunicação. Na maioria das vezes, o autor, assim como os leitores, estabelece determinadas metas cientes, que passam a produzir uma camada de conceito sobre a obra.

Nessa relação autor-obra-público, pode-se encontrar as mais variadas formas de interpretação. O que acontece é que, em muitas obras, o leitor reconhece aspectos que se assemelham com a realidade dele, fazendo como que ele adquira determinada empatia com aprazada obra ou autor. A criação literária engloba diversos fatores, como a interpretação da realidade, podendo dá a ilusão ao leitor que a intenção do autor é mostrar o mundo real, quando na verdade a representação da realidade é apenas o meio que o artista usa para levar sua criação ao conjunto de ideias dele, em que não são raros os casos, essas obras trazem camuflada a posição ideológica do autor.

2.2 DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Historicamente, o povo brasileiro convive com cenários políticos conturbados, porém os eventos que ocorreram no dia 31 de março de 1964 marcaram toda uma geração. Sob a alegação de ameaça comunista os militares tomaram o poder através do golpe civil-militar no dia 1º de abril de 1964, regime esse que ficaria em vigência até 1985. O então Presidente da República João Goulart, eleito democraticamente, foi deposto pelos militares em um golpe. Ele havia assumido a presidência sob o regime parlamentarista, o qual tinha como primeiro-ministro Tancredo Neves. Um plebiscito foi realizado com mais 18 milhões de eleitores para confirmarem a preferência pelo presidencialismo, realizado no dia 6 de janeiro de 1963.

Com o golpe militar implantado no país, deu-se início a uma série de conluios políticos na tentativa de legitimar o poder dos militares. Segundo Rezende (2013), de forma desmedida os comandantes da ditadura lutavam para apresentar que o seu conceito de ordem social era produto de exigências de grande parte da população. Nessas cláusulas, o regime persistia que ele possuía todos os fundamentos que permitiam o seu reconhecimento junto ao povo.

Com o propósito de conseguir o apoio popular, não tardou para que os novos detentores do poder começassem a censurar a qualquer veículo de comunicação que expusesse os desmandos dos militares, começando o período da mordança, de modo que

qualquer cidadão que fosse contrário ao regime logo seria considerado traidor e comunista, ficando a mercê das novas leis que vigoravam no país, sobre o domínio militar. De imediato, foi estabelecido o ato institucional (AI-1), dando aos militares o poder de modificar a constituição, anular mandatos legislativos, como também interromper os direitos políticos por 10 anos e determinar eleições indiretas para a presidência da república, sendo essas algumas das primeiras medidas adotadas pelos militares.

O governo militar iniciou-se com Castello Branco (1964-1967) e seu mandato foi marcado pelas manifestações de opositores, resultando em intervenção dos sindicatos, invasão a universidades, diversas prisões de opositores e exílio. Os atos institucionais foram se ampliando durante o seu mandato, como está documentado no arquivo nacional.

Consta no Arquivo Nacional que novos atos institucionais foram implantados. O AI-2 promoveu as eleições indiretas para presidente e vice-presidente da república, como também a extinção de partidos políticos. Através do Ato Complementar 4 (AC-4), novas regras foram estabelecidas para reorganização partidária, no qual somente duas agremiações foram organizadas, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que apoiava o governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que fazia parte da oposição. Outros atos institucionais foram criados, como o AI-3, determinando eleições indiretas e o AI-4, que convocava o Congresso Nacional para votar a nova constituição.

Mudanças significativas ocorridas no governo Castello Branco trariam uma amostra do que seria o Brasil sobre um regime ditatorial, com esse nebuloso ciclo político que o país atravessava durando 21 anos, sendo as trocas de comando do governo decididas pelos próprios militares. Arthur da Costa e Silva (1967-1969) assumiu, sendo seu governo marcado pelo AI-5, que foi decretado dia 13 de dezembro de 1968, considerado o mais duro do governo militar, no qual mandatos foram cassados, retirou-se a garantia de *habeas-corpus*, aposentou juízes, tendo um aumento considerável da repressão policial e militar.

De acordo com Regal et al. (2001), ao entrar em vigor, o AI-5, aumentou também os poderes presidenciais, possibilitando o fechamento do Legislativo, a suspensão de direitos políticos, assim como garantias previstas na constituição, a intervenção federal em todos os estados e municípios, demissões de funcionários públicos e aposentadorias, entre outras medidas.

Sucessivas trocas de comando entre os militares perduraram durante todo o regime, como a Junta Militar (31/8/1969-30/10/1969), general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), general Ernesto Geisel (1974-1979) e general João Baptista Figueiredo (1979-1985). Esses

militares conduziram o Brasil durante 21 anos, impondo ao povo um regime autoritário. Os últimos anos do governo militar ficaram marcados pela alta da inflação e a recessão, abrindo caminho para as oposições que levaram milhões de brasileiros a participarem do movimento das Diretas Já. A não aprovação das eleições diretas tornou-se mais uma decepção para o povo brasileiro. No dia 15 de janeiro de 1985 o Colégio Eleitoral escolheu o deputado Tancredo Neves como o novo presidente da República.

Os acontecimentos entre 1964 a 1985 são sem dúvida motivos de debates até os dias atuais, trazendo aos brasileiros sensações distintas, as quais, por um lado, os que conhecem a história e a vivenciaram, e do outro, os que a rejeitam e a desconhecem, e tais posicionamentos não contribuíram para a evolução social do país, pois a política brasileira, tomada por decisões elitistas, continua a manter uma visão de que a sociedade brasileira está sempre dividida entre os que são direitistas ou esquerdistas. Essas tensões e divisão que os brasileiros carregam desde o golpe de 64 fragmentam e enfraquecem o país, que segue tentando acertar seu caminho. O período da DM foi, sem dúvidas, nefasto, trazendo consequências a nossa democracia, mesmo passado mais de 50 anos.

Ao se trabalhar a obra de Silviano Santiago, *Stella Manhattan*, direcionando a análise para o tema da DM que o romance aborda, é necessário tocar em alguns pontos retratados na obra que remetem a fatos históricos. Exílio faz parte do enredo dos personagens de diferentes modos, assim como, o exílio no período da ditadura brasileira, teve grandes significações para aqueles que deixaram o país e para os que aqui ficaram.

2.3 EXÍLIO: RESISTÊNCIA E LUTA DURANTE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Pensar sobre o exílio e todas as circunstâncias que levaram inúmeros brasileiros a abandonarem o país e a vida que construíram, abruptamente, torna-se uma reflexão essencial para compreender os anos que decorreram a DM brasileira. Analisando as razões e a forma como ocorreu o exílio, especialmente nos primeiros anos, é neste período em que a ditadura foi considerada mais impiedosa para seus opositores, classificados como anos de chumbo. Para esses cidadãos que exilaram-se do Brasil, tenham sido obrigados pelo regime ditatório, por que foram perseguidos por ideias contrárias ao regime, ou mesmo por não se sentirem a vontade em viver em um país, cujo livre pensar já não era permitido, diferentes foram as razões que levaram dezenas de brasileiros a deixarem o país, e exilassem por diversas partes

do mundo. As lembranças de partidas e chegadas tiveram para esses exilados a sensação de resistência e luta, como recordações dolorosas daqueles anos vivenciados pelo Brasil.

Ao abordar o exílio, é pertinente trazer as palavras da autora Denise Rollemberg, no seu livro *Exílio entre raízes e radares*. “O exílio tem, na história, a função de *afastar/excluir/eliminar* grupos ou indivíduos que, manifestando opiniões contrárias ao *status quo*, lutam para alterá-lo” (ROLLEMBERG, 1999, p. 25, grifo do autor).

Há múltiplas razões que conduziram milhares de brasileiros ao exílio, porém o ponto em comum é a origem. Toda metamorfose na vida dessas pessoas teve início no mesmo dia, a data em que foi proclamando o golpe militar brasileiro, dia 31 de março de 1964, durante o governo de João Goulart. O exílio produziu sentimentos opostos por quem o vivenciou. Existia um sentimento mútuo de perda e solidão, mas houve também aqueles que decidiram transformar seu exílio em luta e resistência, tornando-se uma experiência mutável que introduziu nas pessoas sentimentos distintos.

Houve um período conturbado entre grupos de exilados da DM brasileira, que ideologias e diferentes momentos da história chocaram-se. Os primeiros exilados tinham uma visão, pode-se dizer que mais cautelosa; já os que vieram nos anos seguintes, mais especificamente a partir de 1968, viram no exílio uma forma de desafiar os militares e resistir ao golpe. O processo vivenciado por esses grupos exilados também marcou as diferentes etapas pelas quais o período ditatorial brasileiro atravessou. A necessidade de construir uma identidade e uma resistência começou a ganhar força entre os jovens e grupos de intelectuais de esquerda utilizaram o exílio para iniciar treinamentos. Táticas de guerrilha tornaram-se comum, muitos partiam para transformar o exílio em luta, sem pretensão de voltar enquanto o país estivesse sobre o domínio dos militares.

O exílio carrega características do mundo moderno e as transições impostas pela modernidade, trazendo em si uma persistência em não aceitar caminhos impostos em seu país de origem. O exilado não deseja um recomeço fora de sua terra, mas que o exílio sirva como ponto de partida para mostrar ao mundo sua visão. Voltando para realidade dos exilados brasileiros durante a DM, grande parte escolheu sair do país, mesmo sabendo as consequências, e sentiram naquele momento a necessidade de vivenciar essa experiência, embora desestabilizadora, o que possibilitou ao exilado construir todo um aparato que venha contribuir com as futuras gerações, tornando o seu exílio a expressão do que almeja para o futuro.

Com início do domínio militar no Brasil, toda uma geração de políticos e militantes da esquerda começaram a ser perseguidos ao lutar por liberdade e democracia; iniciou-se greves e passeatas, dando prelúdio ao enfretamento entre os que lutavam pela democracia e os que apoiavam o golpe. Entre os anos de 1964 a 1970, os confrontos aos militares foram constantes e a luta armada tornou-se a principal forma de resistência. Esses anos decisivos concentraram um grande número de exilados que distintamente pensava qual seria a melhor forma de se oporem ao RM.

As palavras de Rollemberg (1999, p. 50) expressam os sentimentos de duas gerações de exilados, os de 64 e os de 68.

Entretanto, em geral, associa-se a primeira geração àqueles (*sic*) que se identificavam com o projeto de reformas de base, ligados a sindicatos e a partidos políticos legais, como o PTB, ou ilegais, como o PCB. Quando foram para o exílio, já eram, na maior parte, homens maduros e definidos profissionalmente. Embora a geração 1964 tenha se exilado em variados países (México, Chile Bolívia, Argélia, França), Montevidéu foi, sem dúvida, o grande pólo de concentração, a capital do exílio, sobretudo, em uma primeira fase.

Com um novo regime implantado no país, seus opositores logo decidiram se afastar do Brasil. Essa parcela de pessoas, em sua maioria, saiu do país espontaneamente, quando começaram as perseguições, prisões e assassinatos por motivos políticos. Grupos formados por políticos e intelectuais contra o RM perceberam que só poderiam lutar contra o golpe fora do país, pois estavam na eminência de serem presos, então, temendo por sua segurança e dos seus familiares, exilaram-se. O então presidente João Goulart, deposto pelos militares, foi um dos primeiros a exilar-se em Montevidéu, no Uruguai, dia 4 de abril de 1964, entrando no país legalmente, e assim como ele, outras figuras importantes do cenário político, que optaram igualmente pelo exílio. Essa primeira geração de exilados tinha seus ideais mais direcionados ao passado, uma visão tradicionalista da política e dos rumos que precisariam seguir. Ao que a história indica, esses pensamentos foram sendo modificados, conforme as pessoas que deixaram o Brasil tinham seus *status* modificados. A partir de 1968, os opositores ao regime ditatório eram formados em sua maioria por militantes jovens, com propostas mais radicais para o enfretamento dos militares, e com ações revolucionárias, agregaram-se à luta armada. Planejar e executar sequestros a diplomatas e treinamentos com a guerrilha cubana foram algumas das medidas adotadas. Essa geração acreditava que a luta deveria ser travada nos mesmos moldes ou em moldes similares ao que os militares tratavam seus opositores.

Rolleberg (1999, p. 51) sintetiza como se deu essa divisão dos grupos de exilados de 64 e 68.

Ainda que não se trate de trabalhar com duas gerações de forma dicotômica e monolítica, é possível traçar diferenças e oposições que ajudam à compreensão do exílio. Por exemplo, a geração 1964, sentiu muito mais o golpe como uma derrota do que a geração de 1968, que viveu este impacto com mais intensidade, anos depois em 1973, com o golpe no Chile.

As divergências, entre essas duas épocas, pode-se dizer que enfraqueceu o combate ao autoritarismo militar que estava em vigor, com propósitos diferentes. Aos poucos, houve um enfraquecimento das forças pela democracia e liberdade, e cada vez mais o país ficou submerso ao domínio dos militares, que seguiu em vigência por 21 anos. Muitos se resignaram e priorizaram sua segurança, aceitando tudo que era imposto pelo regime ditatório; aos que não aceitavam poucas alternativas restavam, e o exílio estava entre elas. Convivendo com as ameaças, os opositores não dispunham de muitas alternativas. Com muitos deles exilados, presos, torturados e mortos, o governo militar se consolidou. Muitos dessas pessoas eram artistas, intelectuais ou tinham alguma ligação com o meio cultural, que deixaram o país espontaneamente ou obrigados pelo regime.

A repressão estava em uma crescente, e para se ter ideia, foi na gestão do então presidente, general Emílio Garrastazu Médici, que foi criado o slogan "Brasil, ame-o ou deixe-o", que nos dá a dimensão das alternativas que restavam para o povo brasileiro.

Rolleberg (1999) observa que o exílio brasileiro não se apresentou como um episódio de grandes proporções, como ocorreu no Chile, por exemplo, em sua maioria eram pessoas de classe média, com alto nível escolar, que faziam parte do ambiente intelectual, ainda que, naturalmente, também tenha havido pessoas de classes operárias, agricultores e pessoas com baixo nível escolar.

O certo é que diversos brasileiros escolheram o exílio como caminho em comum. Mesmo que em países distintos, todos levaram sua história na bagagem. Em alguns casos, só saíram do Brasil com a roupa do corpo e lembranças, pois estavam eles na iminência de serem presos e torturados. Diversas são as histórias sobre o exílio, e conhecê-las nos ajuda a compreender quão tortuosos são os desígnios de um exilado. Durante o período ditatório brasileiro, houve um grande número de pessoas que deixaram o país e transformaram sua luta em superação. Com o fim do golpe em 1985, a maioria regressou, e decidiu compartilhar suas experiências, deixando para as próximas gerações um grande acervo de memórias daqueles

longos anos de luta e resistência. O processo de mudança deixa marcas, o sentimento de sobrevivência e enfrentamento ao sistema faz parte desse processo de aceitação de sua condição. Pessoas que estão longe do seu *habitat* deslumbram um horizonte, que pode oferecer um novo recomeço e uma oportunidade de transformação.

2.4 A LUTA PELA RETOMADA DA DEMOCRACIA “GERAÇÃO 68”

O conturbado cenário vigente no país, que se iniciou em 1964, foi ganhando contornos acentuados de lutas e resistência ao golpe, desencadeando o período mais sangrento da DM brasileira. Com a implantação do AI-5, a arbitrariedade do RM tornou a tortura e a perseguição constitucionalizadas, restando aos opositores poucas alternativas de enfrentamento. Como destaca Rezende (2013, p. 89):

Já no decorrer do ano de 68 – com maior visibilidade a partir do AI-5 - é possível perceber a montagem de uma estratégia de implantação do terror por parte do Estado, a partir do endurecimento político do Governo Costa e Silva e da preponderância cada vez maior da linha dura no interior do aparelho de Estado.

Esses ataques não se limitavam a prisões e perseguições, e foi durante o governo Costa e Silva que as torturas e as mortes se tornaram a principal ferramenta do governo militar para combater as manifestações e a luta pela retomada da democracia no Brasil. Esse cenário abriu espaço para os movimentos de luta pela liberdade do país, liderados por grupos de estudantes. Diversas manifestações tomaram conta dos grandes centros Brasil a fora. O movimento estudantil, passeatas, greves, sequestros de diplomatas e a luta armada são as principais referências da geração de 68. A revolução cubana concentrou uma forte influência sob os grupos de esquerdas brasileiras, sendo vista pelos líderes de esquerda com um exemplo de resistência e independência política que o Brasil deveria seguir.

Os militantes de esquerda que integravam a luta armada eram críticos às posições e condutas do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A partir de então, houve uma divisão entre os grupos de esquerdas, e novas definições e rumos políticos deram origem a diferentes grupos comunistas, “assim o PCB sofreu diversas cisões que deram origem a grupos como a Ação Liberdade Nacional (ALN), Partido Comunista Brasileiro Revolução (PCBR), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), entre outros” (SALES, 2011, p. 6).

Os novos rumos adotados por esses grupos acompanhavam a temática da revolução cubana, e mesmo que as ideias cubanas tenham sido defendidas com mais força por alguns grupos do que por outros, o certo é que todos deslumbraram que o Brasil poderia obter o mesmo êxito que Cuba.

As articulações para a luta armada começaram a ser pensadas logo no ano seguinte ao golpe, porém seu desencadeamento veio em 1968. A luta armada era tida naquele momento como único caminho a ser seguido. Um dos principais líderes comunistas, Carlos Marighella, volta de Cuba com o ideal de que a guerrilha era uma opção viável para atingir o objetivo, e o enfretamento deveria começar o quanto antes. De acordo com Sales (2009, p. 207), “ainda em Cuba, Marighella continuava a dar mostras de sua aproximação das ideias foquistas, sobretudo do pressuposto de que seria possível, após a eclosão da luta guerrilheira, expandir as forças revolucionárias até chegar ao poder”.

Os guerrilheiros brasileiros se organizavam para uma estratégia de luta contra a DM que surtisse efeitos imediatos. Muitos foram designados para fazerem treinamentos em Cuba, com estratégias planejadas e metas a serem alcançadas, como está estabelecido nas palavras de Jean Rodrigues Sales, “1. A do planejamento e a reparação da guerrilha. 2. A do lançamento e sobrevivência da guerrilha. 3. A de seu crescimento e transformação em guerras de manobras” (SALES, 2009, p. 209).

Durante esse período da luta armada, diversos acontecimentos foram marcantes, ao exemplo do sequestro do embaixador americano em 1969, o qual foi trocado por alguns prisioneiros. Essa tinha sido a forma encontrada por esses grupos políticos para conseguir a libertação dos presos políticos. As organizações políticas que planejavam e executavam os sequestros faziam a lista dos que seriam trocados, priorizando os dirigentes. Para a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), em seguida, entravam os simpatizantes e, por último, os militantes de base. Cada organização tinha seus nomes a indicar (ROLLEMBERG, 1999, p. 76).

Decisões tomadas por esses grupos políticos custaram um preço alto, inúmeros militantes de esquerda foram torturados e mortos pelo RM nesse período, que amparados no AI-5 promovia uma verdadeira barbárie aos que ousavam se opor a eles. Consequentemente houve um enfraquecimento dos grupos de guerrilhas. Após a morte de Carlos Marighella, em 1969, quem assumiu o comando da luta armada foi Joaquim Câmara Ferreira, que com os grupos de guerrilheiros já esfacelados, foi preso, torturado e morto em 1970.

Os caminhos não pacíficos escolhidos por aqueles que integraram a luta armada são analisados por diversos ângulos. A história nos apresenta diversos modos de enxergarmos à luta armada travada por parte da esquerda no período militar. Estas interpretações estão ligadas ao contexto político e social da época. É importante ressaltar que a luta armada brasileira se consolidou na crença de que era possível um enfrentamento com os militares, e mesmo que a única alternativa fosse à guerrilha, as organizações de esquerda deslumbravam uma revolução socialista, e acreditavam estar no caminho certo para a retomada da democracia. Porém, mesmo tendo obtido algumas vitórias, a luta armada brasileira fracassou, deixando um rastro sangrento nos anais da DM brasileira.

O estudo do contexto histórico corrobora para analisarmos a cultura e as artes brasileiras, mesmo depois desse período. O seu papel na história e as contribuições artísticas e sociais deixadas pela literatura durante os anos de 64 a 85.

3 REPERCUSSÕES DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NO MEIO ARTÍSTICO E LITERÁRIO

Ao recordar uma época histórica, que marcou profundamente as artes, é significativo ressaltar a importância dos romances e outras produções durante o período militar, e os escritores de obras literárias que deixaram suas marcas nesses nebulosos anos de ditadura. A literatura se faz presente na história de um povo, com as artes exercendo notoriedade na construção de uma época histórica. No Brasil, as obras literárias não deixaram passar em branco o momento conturbado o qual o país atravessou.

Questões nacionais passaram a ser abordadas criticamente na literatura durante aquela época, comprometida com o realismo social e político, e permitiram ao público leitor refletir, logo, com isso, a cultura em geral assumiu destaque no ambiente político do país.

3.1 A RELEVÂNCIA DAS ARTES EM MEIO A REPRESSÃO

As artes no Brasil, no período militar, tiveram um papel importante de denúncia e resistência. Atores, músicos, escritores, entre outros, resistiram a esse período com as armas que lhe eram pertinentes, tornando o meio cultural brasileiro espaço para liberdade de expressão e luta contra a censura que era imposta pelos militares. O país vivenciava um regime autoritário, porém no cenário artístico ainda havia uma certa liberdade, apesar da censura, sendo capaz de sobreviver àqueles tempos sombrios, promovendo as artes e tornando-as uma importante força contra o fascismo dos militares.

A liberdade de expressão tornou-se um ponto sensível para a DM. Ao atacar a cultura e as artes, os militares no poder desagradavam à classe média, que era sua principal fonte de apoio na sociedade brasileira, pois a indústria cultural estava em pleno crescimento, sobretudo na classe média e no meio universitário, levando em conta o crescimento televisivo, que se aproximava cada vez mais do grande público. Tal fato enfraquecia as pretensões militares com as artes e a cultura brasileira, porque a maior parte de artista, autores e intelectuais ligados à cultura era de esquerda e publicamente contrária ao RM. Não à toa, as artes se destacaram na luta pela democracia brasileira. O Livro *1964 História do Regime Militar Brasileiro*, de Marcos Napolitano, traz uma visão ampla sobre os acontecimentos no âmbito artístico e cultural dessa época.

Segundo a visão de Napolitano (2014), agentes de diversos princípios políticos, teóricos de inúmeros espaços acadêmicos, assim como artistas e intelectuais, discutiam os acontecimentos que estavam em percurso ajudando a produzir um olhar crítico sobre os temas convergentes à história do RM. Todo conjunto de acontecimentos no meio cultural nos espaços das universidades, na luta armada da guerrilha de esquerda, repressão, torturas e as mortes durante a ditadura, estaria à disposição da literatura para construir um acervo de memórias que refletem a história do país, por meios de canções, poemas, peças teatrais e romances.

O engajamento da classe artística influenciou a maneira que os militares lidavam com a cultura no Brasil. Durante o golpe militar, essa relação foi concebida de diferentes formas. Houve um grande investimento do governo na cultura em geral, criando políticas e incentivos para a cultura do país, que beneficiou uma parcela do meio artístico. Uma das intenções dos militares era fazer com que a população acreditasse que havia por parte do governo uma preocupação com a cultura e as artes no país, porém, por trás dessa política proativa havia um forte sistema de repressão montado pelo governo. Como nos aponta Napolitano (2014, p. 92):

O tripé repressivo do regime era formado pela combinação de produção de informações, vigilância-repressão policial a cargo das Delegacias de Ordem Política e Social (Dops), das inteligências militares e do sistema Codi/DOI (Centro de Operações de Defesa Interna – Destacamento de Operações e Informações) e censura, a cargo da Divisão e Serviços de Censura às Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal (DPF/DCDP) e do Gabinete do Ministério da Justiça, especificamente no caso do controle da imprensa. As três pontas atuaram sobre a área cultural, produzindo suspeitas e impondo silêncio sobre certos temas e abordagens.

A repressão cultural imposta se deu logo no início da ditadura, porém o auge da censura veio entre os anos de 1969 a 1978, no qual proibia qualquer manifestação cultural que fizesse menção ao regime implantado no país e também que pudesse mobilizar os mais jovens, sobretudo os estudantes. Os veículos de comunicação como rádio, televisão e jornais, foram censurados. Novas leis para implantar definitivamente a censura ocorreram em 1968, coordenando as obras teatrais e cinematográficas. No regime, os militares não pesavam duas vezes em aplicar a lei da mordaza contra os artistas e intelectuais que se posicionavam publicamente contrários ao governo. Deste modo, o governo tinha o máximo de controle sob qualquer produção artística e cultural, com intuito de modificar a memória e interpretação do povo.

Na tentativa feita por parte dos militares em controlar o universo das artes brasileiras, utilizou-se a lei da censura prévia, nada poderia ser publicado sem antes passar sobre o crivo da censura; a imprensa apresentava-se fragilizada e sem liberdade, assistindo seus profissionais serem presos e perseguidos, assim como a população via se fechar o cerco contra músicos e artistas, obrigando-os a exilar-se para não serem presos, como Chico Buarque, ameaçado pelo governo militar, que se autoexilou na Itália em 1969, e compôs canções com *Cálice* e *Apesar de Você*, que marcariam época como canções de resistência e enfrentamento do meio musical. Assim como Buarque, outros artistas de grande representação nacional foram ameaçados e obrigados a exilar-se por usarem a música para denunciar os desmandos do RM, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, entre outros.

Durante este período surgiu, no ano de 1968, o Movimento Musical Tropicália, que contava com grandes compositores do meio artístico brasileiro e que se espalhou para outros cenários como o teatro, o cinema e as artes visuais. Trazia em suas canções um novo olhar, um Brasil diferente de outrora, encarando temas mais plausíveis à realidade do país, como a repressão política, a desigualdade social e o racismo. A Tropicália obteve grande aceitação popular e as músicas tornaram-se sucesso em todas as rádios. Podemos observar nas palavras de Napolitano:

A Tropicália foi o ponto culminante de uma série de contradições e impasses políticos e culturais que atravessaram os anos 1960 e se agravaram após o golpe militar de 1964. As questões classicamente colocadas pela arte engajada, e que recebiam respostas positivas nos debates da esquerda mais ortodoxa, adquiriam uma nova perspectiva sob o Tropicalismo: Qual a função social da arte num país subdesenvolvido? Como conciliar forma e conteúdo na obra politicamente comprometida? Como a cultura engajada deve ocupar a mídia? Qual o estatuto sociológico e cultural que deve definir o “povo”, interlocutor idealizado do artista e do intelectual de esquerda? Quais os limites entre “povo” como categoria política e “público” como categoria mercadológica? (NAPOLITANO, 2014, p. 98-99).

O Tropicalismo modificou o cenário musical e cultural brasileiro, voltando-se para questões frágeis e que ainda eram consideradas tabus. Os artistas envolvidos no movimento burlaram a censura e a repressão, incomodando os militares e produzindo uma narrativa mais real dos acontecimentos do período militar, deixando o rastro da força cultural e artística no país.

Uma das primeiras manifestações contra o regime veio em 18 de novembro de 1965, em frente ao Hotel Glória, no Rio de Janeiro, na abertura da II Conferência Extraordinária Interamericana da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Os manifestantes eram nove, mas o grupo ficou conhecido como os Oito da Glória: os jornalistas e escritores Antônio Callado, Márcio Moreira Alves e Carlos Heitor Cony; os cineastas Glauber Rocha, Mário Carneiro e Joaquim Pedro de Andrade; o embaixador recém-cassado Jayme de Azevedo Rodrigues; o encenador teatral Flávio Rangel; o poeta Thiago de Mello. No momento em que Castelo Branco descia do carro para entrar no hotel e presidir a cerimônia de abertura da OEA, os manifestantes escancararam faixas com frases escritas em letras garrafais – “Abaixo a ditadura”, “*Bienvenidos a nuestra dictadura*”, “Viva a liberdade”. Acabaram todos presos. Mas choveram protestos contra a prisão, inclusive do exterior: Luis Buñuel, Jean-Luc Godard, Alain Resnais, Michelangelo Antonini, Pier Paolo Pasoline, Alberto Moravia (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 464-465).

As artes incomodavam e tornaram-se o calcanhar de Aquiles dos militares. O meio artístico se mobilizava para dar notoriedade aos desmandos e atrocidades cometidas pelo regime ditatório. Porém, o terrorismo cultural implementado era feroz e impôs derrotas aos artistas e intelectuais, sobretudo no período da luta armada, em que a classe artística em sua maioria não pactuava, entrando em cena os estudantes, que acreditavam que a luta armada era o caminho para retomada da democracia. Esse ponto da “guerra psicológica” que estava sendo travada entre artistas, intelectuais e estudantes dá lugar a luta armada, começando então o período sangrento, com a implantação da AI-5, trazendo forte repressão, censura e prisões aos opositores.

Napolitano (2014) reafirma a importância das artes no período militar ao apontar aspectos fundamentais que o meio artístico exerceu durante todo o processo em defesa da liberdade e da democracia:

Se é plausível afirmar que não houve no Brasil, ao longo de todo o regime, uma arte ou uma cultura efetivamente revolucionária, uma “arte de barricadas” que fosse exortativa à ação, não se pode menosprezar seu papel histórico, seja na educação sentimental de certa geração militante pela democracia, seja na fetichização da resistência como ato simbólico de consciência, como catarse diante do “círculo do medo” imposto pelo autoritarismo. Longe de serem meros reflexos pálidos ou instrumentos da política de oposição, a cultura e as artes da resistência foram sintomas dos seus dilemas. E talvez as obras da resistência subsistam como experiência estética porque justamente elas nunca foram instrumentais ou especulares (p. 97).

Narrar um passado e seus contornos tortuosos deixa a literatura em um espaço privilegiado, levando aos leitores o trauma de uma democracia em ruínas e a transformação social do país, sem compromisso com a historiografia, mesmo comprometida com o momento histórico. Essas obras literárias, em especial a prosa, se dividem entre ficção e memorialismo, tocando em temas pertinentes a realidade do país entre os anos de 60 a 80. São narrativas que

permeiam não apenas o momento político, mas também o momento cultural e ideológico que o Brasil atravessou.

Os desafios enfrentados durante os 21 anos de RM fortaleceram os laços entre os agentes da resistência, que enxergaram nas artes um novo caminho. Essa época também marcou um novo estilo de se fazer literatura, música e teatro no Brasil.

A literatura ampliou seu espaço, mesmo causando divergências entre os críticos literários da época, tendo um papel fundamental para que os fatos chegassem ao público, mesmo que em contornos ficcionais.

Tido como uma fonte de informação, mesmo com toda censura o qual era submetido, o jornalismo brasileiro também persistiu.

Grandes romances foram produzidos nesse período, assim como outras prosas também estavam em ascensão, retratando a DM brasileira e enriquecendo a memória nacional através da literatura.

3.2 A DITADURA MILITAR VISTA PELA LITERATURA

Algumas obras literárias brasileiras notáveis foram produzidas durante o período da DM (1964-1985), guardando memórias que ainda marcam a sociedade e trazem o horror vivenciado em um tempo que a barbárie dominava o país. Tão incisiva quanto a historiografia, inúmeros romances trouxeram em suas páginas fatos verídicos com contornos ficcionais, retratando uma sociedade fragilizada e perdendo lentamente seus princípios éticos, culminando com um golpe contra a democracia e a estabilidade do país. Com narrativas que ilustram de forma ficcional todo o trauma dos longos 21 anos que decorreu o golpe, a literatura brasileira ocupou um papel histórico que atesta a qualidade das artes brasileiras que resistem mesmo em tempos sombrios.

O cunho social e político nas obras literárias colocaram os artistas na mira dos militares, que tão logo os tacharam como comunistas e traidores da pátria, passando a serem perseguidos, e proibidos de publicar quaisquer obras sem o aval dos militares. A censura não deteve as artes nem a cultura brasileira, expandindo-se com uma nova ótica sobre os fatos. Mesmo encontrando-se em um momento social e político instável, em que o país vivia sobre um regime autoritário, os escritores procuravam trazer em suas obras uma estética que

correspondesse a esse momento histórico, inaugurando um novo método de abordar o realismo.

Como é apontado no livro de Schollhammer, *Ficção brasileira contemporânea*, quando cita o crítico literário Silviano Santiago.

O escritor brasileiro ou seguia a corrente latino-americana em direção a uma literatura mágico-realista e alegórica ou retornava aos problemas estilísticos não resolvidos pelo realismo social, como os que haviam sido problematizados nos romances da década de 1930, em particular pelos regionalistas do Nordeste, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Jorge Amado. Como denominador comum às duas vertentes havia, segundo Santiago, o compromisso temático com a crítica social e política contra qualquer tipo de autoritarismo. Não apenas resultado de um governo antidemocrático, mas em consequência da promoção de uma sociedade industrial avançada, do liberalismo globalizado sob os princípios do capitalismo selvagem como norma para o progresso da nação e do bem-estar dos cidadãos (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 23).

O compromisso das obras literárias com o realismo histórico está relacionado ao momento político do país após o golpe militar. Entre os anos 60 e 80, diversos autores abordam o tema da DM em suas obras, de forma direta ou indireta, e esse tema tornou-se recorrente na ficção brasileira contemporânea e romance-reportagem tornaram-se exemplos dessa estética literária. Santiago (2002, p. 37 *apud* SCHOLLHAMMER, 2009, p. 23), destaca que “surge, assim, uma genealogia entre o texto moderno e o memorialismo abordando a família e o clã, enquanto os jovens mais politizados encontram no escopo autobiográfico expressão mais propícia a um novo tipo de engajamento.” A nova tendência do romance e da prosa brasileira revela ao público grandes obras, de autores já reconhecidos, como também os que se destacaram nesse período. Diversos títulos tiveram a DM brasileira em destaque, mesclando a ficção com contornos históricos, e essas obras tocam entre outros aspectos na memória histórica dos seus leitores.

Lygia Fagundes Telles publicou o romance *As meninas* (1973), em que a trama se desenvolve em meio ao conturbado momento político do país. Lançado durante o período militar, conta a história de uma militante de esquerda. As personagens centrais (Lorena, Lia e Ana Clara) têm suas histórias apresentadas em plena vigência da DM brasileira. Lygia Fagundes Telles ousa ao trazer em uma obra não apenas o universo feminino, como também todos os desafios que as mulheres enfrentavam no período entre os anos 70 e 80, nesse desafiante cenário.

No artigo, *As fronteiras entre história e literatura em As meninas*, as autoras Alessandra Gomes e Paula Alves fazem uma leitura da obra relacionando-a com o momento histórico.

De acordo com Gomes e Alves (2013), a conjuntura sócio-político-cultural é expandida pela imersão da antecedência de três tendências subjetivas, permitindo ao leitor aprofundar-se na época retratada, entendendo-a paralelamente como registro histórico, e também como uma preservação da memória do país, quanto como a ficcionalização dos episódios do passado. A autora Lygia Fagundes Telles não se prende à realidade sociopolítica, porque a narrativa vai além de um relato de um mundo externo, porém transporta o leitor ao mundo interno dos personagens, acrescentando ao contexto elementos relativos, os dramas familiares e sociais do período.

Nesse sentido, destaca-se o registro que a obra traz do RM, que permeou a sociedade brasileira nos *anos de chumbo*. Diferente dos textos históricos, na obra ficcional de Lygia Fagundes Telles é possível reconhecer que há uma verossimilhança com fatos verídicos. Textos como o dela, destacam os aspectos múltiplos das obras literárias, possibilitando não apenas criar uma ficção, mas recontar de diferentes formas a realidade.

Outra produção literária brasileira que aborda a DM, *A noite da Espera*, de Milton Hatoum, é uma obra recente publicada em 2017, mais de 50 anos depois do golpe, pertencente à trilogia *O lugar mais sombrio*. É possível perceber no romance de Hatoum um compromisso com a realidade histórica, encontrada na prosa do pós-modernismo, alinhando-se com tantas outras obras literárias que apresentaram o período ditatorial brasileiro e de alguma forma inserindo-se na vertente literária memorialista.

A noite da Espera é uma narrativa construída em um diário ficcional, no qual o personagem principal, Martim, relata fatos de sua vida no final da década de 70. Desenvolvendo-se em duas linhas temporais, o romance tem seu desenrolar em 1964, ano do golpe militar. Todo o drama é vivenciado pela personagem, iniciando-se após a separação dos seus pais. No exílio em Paris, Martim relata sua trajetória, as descobertas, seus dramas políticos e pessoais. É na memória da personagem que o leitor reconhece os fatos históricos dos anos de horror da ditadura, diversos acontecimentos do período são retratados, como a morte de jovens estudantes no Rio que ficou conhecida como “Sexta-Feira Sangrenta” (1968), entre outros fatos históricos.

As palavras presentes no artigo *O recurso ao diário em A noite da Espera, de Milton Hatoum: O desenho de um conflito pessoal e de um conflito histórico – político* de Fonseca Júnior reforça a vertente memorialista do romance.

Segundo Fonseca Júnior (2019), ao conhecer a obra de Hatoum, o leitor reconhece o estímulo de lidar com o período militar, porém assegura a chance de através da voz de Martim e, junto a ele, fazer de suas palavras uma maneira de não deixar cair no esquecimento os traumas dos **anos de chumbo**, em que a tortura e a violência eram institucionalizadas e alusivas. A literatura compromete-se em resistir ao apagamento da memória e atua, a partir dos danos, como força para enfrentamento e luta.

Fez-se necessário o enfrentamento das artes em um período tão tenebroso, o forte empenho de levar ao público a realidade social-política-cultural. Tornou a literatura dos anos 70 e 80 muito além de ser apenas militante, tornou-se uma expressão de liberdade, em meio a tanta censura que a classe artística enfrentava. Imbuído desse sentimento de resistência, por meio da literatura, o escritor Carlos Heitor Cony, esteve envolvido no episódio “os oito da Glória”, acreditando que a literatura poderia contribuir para o enfraquecimento do golpe que estava em curso no país. No romance *Pessach: a travessia*, publicado em 1967, reeditado em 1975, e novamente em 1997, Cony evidencia o retrato da sociedade brasileira no período ditatorial.

O romance de Cony retrata a história de Paulo Simões, um escritor pequeno-burguês, que durante o golpe militar imposto no país em 1964, se envolve com militantes da esquerda revolucionária, arriscando-se pela liberdade. As memórias do personagem conduzem o leitor no enredo, que não segue um padrão, retratando o passado distante, a vida universitária, e de casado. Essas recordações constroem o universo ficcional da obra, ao passo que é possível reconhecer a verossimilhança com a historiografia brasileira.

Assim como as obras literárias citadas, inúmeras foram as que retrataram o cenário político-histórico-social do Brasil entre os anos de 1964 a 1985. O desejo de aprofundar os estudos em obras que resgatam o período militar vem de acreditar que a literatura é capaz de emergir na história, sem perder sua essência de arte.

A literatura, assim como outras artes, teve relevante papel na luta contra o fascismo, ficando marcada na historiografia do Brasil. E a cada obra lida e relida, o terror desses 21 anos de RM é lembrado de diferentes formas através da literatura. Se for possível encontrar um ponto positivo, sem dúvida está na literatura, levando em conta quão significativas são as obras deste período, não apenas como uma produção artística, mas também pela relevância

histórica. Com narrativas que mesclam as memórias coletivas e individuais, para que os traumas do passado não caiam no esquecimento, a literatura detém destaque em um cenário hostil pelo livre pensar e a favor da democracia.

4 ANÁLISE DAS MARCAS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NO ROMANCE *STELLA MANHATTAN*

As produções literárias brasileiras durante as décadas de 70 e 80 são resultados de diversos fatores, passando pela interação da literatura com as artes, como cinema, teatro e outras produções de mídias, bem como pelo momento político e social que o país atravessava. Como observado, a literatura resgata aspectos históricos desses anos, trazendo tanto no romance *Stella Manhattan* como em outras prosas da época, traços de uma sociedade que vivenciava um regime autoritário, sendo afetada pelas mazelas sociais e preconceitos de diferentes gêneros. Autores influenciados por esse momento usaram como inspiração tanto na produção literária da época, quanto na representatividade que a literatura exerce em momentos históricos, marcando na história a importância não só da literatura, como das artes brasileiras. Silviano Santiago se destacou na literatura contemporânea brasileira com obras plurais que misturam ficção e realidade, bem como literatura e história. O romance *Stella Manhattan* aborda de maneira sutil e inteligente a DM brasileira, sendo capaz de despertar nos leitores reflexão sobre aquele período.

Santiago tem em sua biografia uma vasta produção crítica e literária, incluindo romances, contos, ensaios literários e culturais, e produziu alguns trabalhos que retratam esse momento histórico que o Brasil atravessava durante os anos de chumbo. Doutor em Letras, o autor iniciou sua carreira lecionando em universidades norte-americanas, transferindo-se posteriormente para a Pontifícia Universidade Católica (PUC) - Rio. Santiago se especializou em literatura francesa, na área em que fez seu doutorado em Sorbonne. Durante o período da DM brasileira, o escritor preferiu se exilar do país, morando vários anos em Paris. No romance *Stella Manhattan*, dedica um capítulo intitulado “Começo: O narrador” considerado uma autobiografia, no qual descreve sua experiência em Paris e em outras partes do mundo.

O romance, *Stella Manhattan*, publicado em 1985, narra a história de Eduardo da Costa e Silva, também conhecido como *Stella Manhattan*, uma personagem que carrega uma dupla identidade, tendo Eduardo seu alter ego em Stella, e nela, ele carrega todos os traços de sua verdadeira personalidade, que é marcada pela teatralidade, o exibicionismo e a autoencenação.

O romance tem aspectos múltiplos que mesclam questões políticas com a identidade sexual dos personagens. A narrativa ocorre em terceira pessoa, com narrador onisciente, o idioma predominantemente em português, porém com diálogos esporádicos em outros idiomas, como o inglês e o espanhol. Outras temáticas abordadas por Silviano que podem ser

encontradas na trama são o exílio e a duplicidade de identidade, que escolhe a DM como cenário para essas diversas questões. A obra passeia pelo universo dos “exilados” que vivem na ilha de Manhattan e que, de diferentes formas, participam dos processos políticos da época.

A DM brasileira não é o tema central do romance, porém traz nas linhas do texto, não apenas meras menções à ditadura, mas fatos históricos, presentes na obra. Em uma análise mais detalhada é possível compreender a cronologia do romance com os fatos históricos e como o RM se conecta nos desdobramentos da ação narrativa, em que quase todos os personagens têm uma ligação direta ou indireta com a ditadura. Em uma análise criteriosa, mostraremos quais as marcas encontradas no romance associadas a fatos históricos, e a relação que os personagens mantêm com a ditadura, e como isso afeta suas ações na trama.

A narrativa inicia-se em 18 de outubro de 1969, na cidade de *Manhattan – EUA*, entretanto, a linha do tempo retrata os acontecimentos do Brasil na época. Nessa data, o país era comandado pela junta militar formada pelos ministros Aurélio de Lira Tavares (Exército), Augusto Rademaker (Marinha) e Márcio de Sousa e Melo (Aeronáutica), após o afastamento de Artur da Costa e Silva, em consequência de uma trombose cerebral. Silviano relaciona os fatos históricos com sua criação literária, a exemplo do sobrenome de Eduardo, personagem principal, idêntico ao do presidente Artur da Costa e Silva, que comandou o país entre 1967 a 1969, sendo seu governo marcado pela forte repressão e a criação do AI-5.

Eduardo desembarca em *Nova York* em meados de 1968, devido a acontecimentos não especificados de forma clara pelo narrador. Após a descoberta da homossexualidade, excluindo-o do convívio familiar e extirpando, segundo sua concepção, a vergonha advinda da sua sexualidade. Com a ajuda de um amigo militar do seu pai, o Coronel Vianna, Eduardo logo começa a trabalhar no consulado brasileiro nos Estados Unidos. Mesmo com envolvimento no meio político-militar, o personagem não nutre qualquer interesse na política brasileira. Essa falta de engajamento político fica clara para o leitor logo a princípio. “O galo cocoricó que cantava de político no apartamento de Eduardo era Stella Manhattan. E para Stella a substituição do presidente Costa e Silva pela troca militar entrava num ouvido e saía pelo outro. Stella não era muito nacionalista” (SANTIAGO, 2017, p. 24-25).

O pouco interesse de Eduardo/Stella pelo momento político do Brasil é diretamente ligado aos desdobramentos do personagem na obra, fazendo com que suas ações tenham consequências graves. Outros três personagens têm suas vidas ligadas a DM brasileira, destacando-se em relações conflituosas: o Coronel Vianna, o Professor Aníbal e o Marcelo, amigo de Eduardo nos tempos de Faculdade. Em suas falas ficam evidentes seus

posicionamentos políticos e a relação que mantém com a DM brasileira. Personagens bem construídos por Silviano, que levam os leitores a reviver a problemática política que o Brasil enfrentou entre os anos de 68 e 69 e conhecer fatos históricos da época.

4.1 PERSONAGENS E SUA RELAÇÃO COM A DITADURA

4.1.2 Coronel Vianna

Coronel Vianna, o adido militar que leva Eduardo para trabalhar no consulado americano, é um personagem que tem uma ligação direta com o regime, uma vez que trabalha em um cargo de confiança dentro do consulado e envolve Eduardo/Stella em seus planos ardilosos para esconder sua sexualidade e a vida dupla que mantém em Manhattan. Em um pedido de um velho amigo, vê a oportunidade de usá-lo para encobrir suas práticas sexuais. Com todo o plano já arquitetado, convence Eduardo a alugar um apartamento em seu nome, para que ele possa usá-lo em suas práticas sadomasoquistas. Eduardo acaba sendo usado como fantoche para os planos do adido militar, e se envolvendo nos conflitos políticos, em que de um lado está um grupo de guerrilheiros da esquerda brasileira, e do outro, representantes da extrema direita, tendo ainda o Departamento Federal de Investigação (FBI) à sua procura por desconfiar que ele fosse comunista.

Ao decorrer da narrativa o leitor vai percebendo qual o papel desempenhado por Vianna na DM brasileira. Santiago (2017) apresenta em sua obra dois trechos que destacam sua importância e seu envolvimento com os acontecimentos políticos no Brasil:

[...] aliás Valdevinos Vianna, aliás co-ro-nel Valdevinos Vianna, elemento de destaque (som de corneta) no brioso Exército nacional e também tante emérito com percurso por Copacabana, Paris, Amsterdam, Londres, Manhattan e outros lugares da pesada (p. 181).

Você brinca, Edu, fica brincando, mas nem pode imaginar a ficha que o coronel tem, foi mandado pra Nova York pelos bons serviços nas masmorras da repressão, se eu te disser você não acredita, foi ele que deu início à tortura logo depois da morte de Castelo Branco, um sádico carniceiro (p. 189).

O trecho acima citado menciona o governo de Castelo Branco, que passou a exercer o cargo de presidente da república em abril de 1964 até 1967, quando faleceu em um acidente aéreo. Posteriormente quem assumiu a presidência em seu lugar foi Artur Costa e Silva, que

teve o governo marcado pela forte repressão. O autor liga o personagem a esses acontecimentos históricos.

4.1.3 Aníbal

Aníbal é uma personagem que pertence à extrema direita brasileira, trabalha como professor na *Columbia University* e também presta serviços secretos ao governo americano. Vindo de uma família de classe média alta brasileira, é acometido por uma paralisia infantil, tendo diversas limitações, porém a doença não o impediu de tornar-se um grande intelectual. O narrador faz uma analepse da personagem, mostrando sua infância e juventude, um personagem com perfil elitista, com desejos sexuais de *voyeur* e uma relação sexual turbulenta com sua mulher Leila. Sua vida pessoal, nada condiz com o respeitador professor universitário. Defensor da DM brasileira, sua posição ideológica e política vai transparecendo ao leitor, como mostrado em uma conversa que ele tem com personagem Marcelo, no qual Aníbal mostra seus pontos de vista, que se alinham com a política autoritária do regime militar. Observado no trecho a seguir:

“E a gente vê o quê?” pergunta o professor, “Marighella incitando os mais fracos a se rebelarem contra o Estado, usando armas que nem sabem usar. Querem fazer um vasto matadouro do país, uma chacina em praça pública. Falta à esquerda terrorista compreender que não é mandando para o matadouro o podre que ele vai acabar com a miséria do Brasil. Não precisamos de carnificina; precisamos de programas de assistência social” (SANTIAGO, 2017, p. 135).

Aníbal aparentemente representa a parte conservadora da sociedade brasileira, com ideais capitalistas, não suportando a onda socialista que tomava conta da América do Sul. Acreditava que o desenvolvimento do Brasil dependia de políticas neoliberais. “O socialismo é uma invenção de meninos ricos com remorso pela fortuna dos pais, disse o professor como se já tivesse a fórmula pronta na ponta da língua desde o início da conversa” (SANTIAGO, 2017, p. 138-139).

A ligação de Aníbal com o governo americano fica evidente na parte final do romance, quando ele é solicitado pelo FBI para ajudar a descobrir o paradeiro de Eduardo, que é um possível suspeito de envolvimento com a célula da guerrilha em *Nova York*. Reafirmando esse elo do personagem com o FBI, Santiago (2017, p. 249) diz que:

Vem dos headquarters do FBI e a voz na linha, depois de se identificar, desculpa-se por incomodá-lo na tarde de domingo, mas o incômodo se justifica, trata-se de um assunto urgente, uma batata quente nas mãos. Continua: liga para ele por indicação do SNI em Brasília.

O Serviço Nacional de Informação (SNI) foi instituído em junho de 1964, para supervisionar e coordenar as atividades de informação e contra informação no Brasil e no Exterior. No trecho a seguir o personagem expõe ao leitor seu conhecimento sobre os fatos que aconteciam no país, o que sugere mais uma vez que sua relação com a SNI.

“Passamos por uma fase muito difícil da nossa história”, continua ele. “Rebeldia nos quartéis, molecagem nas universidades, bancos saqueados, grupos clandestinos assassinando inocentes a sangue-frio, e agora até um embaixador de uma nação amiga sequestraram, e isso no momento em que o país, o gigante adormecido (sorri), dá uma grande arrancada para o futuro [...]. O governo militar em si não é violento e nem quer a violência, são esses criminosos irresponsáveis que o obrigam a ser. A contragosto, lhe asseguro. Os militares querem paz, harmonia e prosperidade” (SANTIAGO, 2017, p. 251).

A personagem carrega traços da extrema-direita brasileira, que acreditava que o golpe militar era o melhor para o país, e que sob o governo militar, o Brasil seria um país próspero. O romance apresenta personagens de lados opostos da história, mostrando a visão dos extremos, da direita e da esquerda brasileira do período militar. Por tratar-se de uma obra contemporânea os fatos históricos têm grande relevância.

4.1.4 Marcelo

O *Sétimo* é o capítulo no qual o leitor passa a conhecer melhor a relação do personagem com a DM brasileira, trazendo diálogos, personagens e fatos que correspondem com a história. O narrador, ao apresentar a personagem Marcelo, deixa claro sua posição política e quais suas verdadeiras intenções em *Manhattan*. “Marcelo Carneiro da Rocha codinome Caetano, quando veio para *Nova York* ensinar veio também com uma outra missão, a de se juntar a um recém-constituído grupo de guerrilheiros liderados por Vasco (codinome)” (SANTIAGO, 2017, p. 174).

O capítulo retrata toda articulação da cédula da guerrilha a qual Marcelo pertence. A narrativa inclui diversos personagens baseados em pessoas reais, que vão sendo citados, como por exemplo nesse trecho. “Vasco, que esteve ao lado de Marighella na reunião da *OLAS*” (SANTIAGO, 2017, p. 174). Criada em Cuba, em 1967, Organização Latino-Americano de Solidariedade (*OLAS*) era formada por diversos movimentos revolucionários, que compartilhavam de alguma maneira as propostas estratégicas da revolução Cubana. A conferência aconteceria anos após a crise dos mísseis de Cuba, com principal objetivo de ampliar a luta contra o imperialismo norte americano e ampliar a revolução.

Nas falas das personagens estão contidos trechos que comungam com a história, e o narrador utiliza-se de nomes verídicos, ambiente e situações que soam familiares aos leitores. “O maestro Leonard Berntein, seguindo de perto a atitude de amigos influentes seus, resolveu também dar um coquetel na sua casa para os Panteras, com o fim de angariar fundos para a defesa dos Panther 21” (SANTIAGO, 2017, p. 175). Os 21 membros dos Panteras Negras foram acusados de explodirem 5 lojas de Manhattan, no dia 2 de abril de 1969, depois o número caiu para 13 que foram indiciados pelo juiz Chales Marks. Como os membros do grupo não tinham condições de pagar a fiança estipulada pelo juiz, o compositor Leonard Bernstein organizou festas arrecadando dinheiro para os Panteras.

“A revolução Cubana foi a pioneira, segundo a palavra de Marighella expressa no documento de fins de 1967, por ocasião da sua visita a Cuba e do seu desligamento do Partido Comunista Brasileiro, documentos como a “Cartas ao Comitê Central” (datada de 17 de agosto de 1967), ou as “Respostas ao questionamento de *Pensamento crítico*” (datadas de 8 de agosto do mesmo ano). Em nenhum desses documentos – o que dificulta a avaliação do alargamento – há alusão à missão e tarefa de Vasco ou aos movimentos da minoria revolucionária dos Estados Unidos” (SANTIAGO, 2017, p. 176-177, grifo do autor).

O fragmento do texto acima expressa mais uma vez a ligação do romance com os fatos históricos; A *Revolução Cubana* foi um movimento armado e guerrilheiro que terminou no afastamento do ditador Fulgencio Batista de Cuba, pelo movimento 26 de julho, comandado por Fidel Castro. Esse nome Revolução Cubana também é reconhecido como castrismo, como referência ao governo do líder cubano Fidel Castro que se notabilizou pela implementação de programas assistencialistas. O trecho ainda cita uma figura muito importante para a luta armada brasileira, Marighella, líder brasileiro que foi influenciado pelas ideias da Revolução Cubana, e foi um dos principais organizadores da luta armada, considerado o inimigo número um do regime autoritário.

“Os Panteras se encontravam divididos com relação a Cuba, ao modelo cubano de atuação política, e a figura do comandante Che ia perdendo a aura de modelo acima do bem e do mal” (SANTIAGO, 2017, p. 179). Uma figura que se destacou e está presente em diversas citações na obra de Silviano é o guerrilheiro Che Guevara, considerado um revolucionário marxista, muito importante na revolução Cubana, e que logo ganhou destaque no cenário latino americano. No trecho a seguir, pode-se observar mais desta ligação entre a guerrilha brasileira e a cubana.

A ficha de Falcão era impecável. Participou de roubo de armas em recinto da Aeronáutica. Foi um dos líderes no congresso VAR-Palmares em Teresópolis. Subchefe de uma casa de guerrilha instaladas em Niterói [...]. Falcão foi um dos guerrilheiros trocados pelo embaixador americano Elbrick (SANTIAGO, 2017, p. 180).

Vanguarda Armada Revolucionária, mais conhecida como VAR-Palmares, participou da luta armada brasileira no período militar, era uma organização de extrema esquerda que surgiu em julho de 1969, após a fusão do Comando de Liberdade Nacional (COLINA) com a VPR. Foi no meio universitário na cidade de Niterói, que surgiu o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), uma organização de extrema-esquerda marxista que participava da luta armada. Essas duas organizações se conectam com a narrativa ficcional, assim como o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick, orquestrado pelo MR-8 e a ALN, conseguindo a libertação de vários presos, que foram levados até o México, logo após o embaixador ser libertado.

O capítulo *Sétimo* concentra inúmeros dados históricos, porém é descrito de uma forma que esses fatos históricos se encaixem na narrativa e sejam sutilmente reconhecidos pelos leitores. O próprio personagem canalizador, Marcelo, é ambíguo, mesmo ligado a guerrilha brasileira em *Nova York*. O narrador se preocupa em mostrar o seu lado pessoal, seus conflitos no casamento fracassado, sua bissexualidade e a sua amizade com Eduardo que esconde segundas intenções. Seu envolvimento com a DM brasileira tem vários desdobramentos que se tornam o fio condutor para outros personagens, mas que no final destaca-se por trair Eduardo com seu namorado Rikie. O autor ficcionaliza os acontecimentos históricos, já que se trata de uma criação literária, contudo a comprovação desses fatos ficará a cargo da história, não da literatura, em que se permite mesclar a realidade com a ficção quando lhe é pertinente.

A terceira parte destaca-se também em trazer diversos fatos históricos, e começa nele o desfecho da personagem principal, Eduardo/Stella. Dando a entender que ele desapareceu sem deixar pista, depois que descobre que foi traído duplamente por Vianna que o deixa só em meio aos problemas com FBI, e por Marcelo que o trai com Rickie, “Eduardo põe o telefone no gancho de maneira lenta e irrefletida. Não quer mais escutar, não quer mais falar. A ligação não tem mais interesse. Cortá-la como se corta o gás – Eduardo sai deixando a porta aberta” (SANTIAGO, 2017, p. 239). O autor deixa o fim da personagem em aberto, permitindo diferentes percepções do que possa ter acontecido com ele.

A partir desse episódio, há diversas teorias sobre o sumiço de Eduardo e vão surgindo fatos dos acontecimentos da DM nos quais possivelmente Eduardo estava envolvido, trazendo para o leitor eventos do Brasil de 1969. O desaparecimento proporciona novas perspectivas ao qual o autor relaciona a fatos históricos que aconteceram no Brasil nesta época.

A reunião foi pesada, arrastada, dominada pelo baixo-astrol. Más notícias vindas do Brasil e transmitidas ao grupo pelo Falcão. O aparelho repressivo militar se armava como nunca. A troica composta pelos três ministros da área militar não tinha botado o vice-presidente Pedro Aleixo pra escanteio à toa. [...]. A luta entre as três armas para definir o sucessor de Costa e Silva fazia que cada uma mostrasse os dentes afiados de tigre e as garras prontas para a rapina da presidência. Quem mata, leva. A arma mais dura ganha o pleito (SANTIAGO, 2017, p. 240).

Após o afastamento do presidente Costa e Silva, por motivos de doença, o vice Pedro Aleixo foi vetado de assumir a presidência, e o país então passou a ser comandado pela Junta Governativa Provisória de 1969, também conhecida como Segunda Junta Militar. Os ministros militares governaram sob as determinações do repressivo AI-5, declarando extinto em 06 de outubro de 1969 o mandato do Presidente Costa e Silva, que viria a falecer em 17 de dezembro do mesmo ano, e sendo sucedido por Emílio Garrastazu Médici.

Os companheiros começavam a ficar apavorados com os relatos vindos lá de dentro. Pau de arara. Choque elétrico nos colhões, na boceta, no cu ou nos bicos dos seios. Banhos gelados de imersão. Salas com mudanças bruscas de temperatura. Interrogatório infundáveis. Violência violência violência. Sede. Fome. Solidão. Chute, murros, socos, palmadas ensurdecedoras. Corpos lançados de avião em alto-mar. A lista de desaparecidos aumenta a cada dia (SANTIAGO, 2017, p. 240-241).

Amparados pelo AI-5 os militares começaram a implantar o período mais sangrento da nossa história. Inúmeros são os relatos das atrocidades cometidas, segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV), além das diversas violações contra os direitos humanos.

Pessoas foram dadas como desaparecidas, porém, acredita-se que todas morreram por meio do aparelho repressivo da DM ao longo dos 21 anos. Os trechos evidenciam como a narrativa se preocupa em trazer para o conhecimento do leitor matéria de extração histórica. Nas falas das personagens há dados que são condizentes com a realidade da época da DM, eventos, ambientes, nomes, que estão no texto ficcional, mas que também fazem parte da nossa historiografia.

Stella Manhattan é um romance visceral, que a sexualidade é abordada em diferentes perspectivas, com personagens que se desnudam do outro lado da porta, escondendo-se de uma sociedade que ainda se guia pelo preconceito, apresentando uma narrativa de mutação, em que todos os acontecimentos são significativos. Silviano convida o leitor a reviver os anos de repressão, escolhendo o ano 1969 para retratar um período tão significativo para a história do país. A plástica do texto permite que as histórias transformem-se, assim como as personagens, sendo, pois, a duplicidade uma das principais características do romance.

A estrutura narrativa constrói uma memória dos anos de DM brasileira. As personagens Vianna, Marcelo e Aníbal dividem-se para mostrar os diversos olhares que a história retrata ao regime ditatório. Essas memórias, que são coletivas, tornam-se peças fundamentais na construção ficcional. Os acontecimentos têm verossimilhança com a realidade histórica e há uma preocupação em ligar quase todos os personagens à ditadura, trazendo não apenas referências, mas momentos que foram relevantes, como nomes que tiveram papéis fundamentais na DM, tanto do lado dos militares quanto dos que se opunham ao governo autoritário.

Ler *Stella Manhattan* é desafiar-se a conhecer o universo da duplicidade, um mundo que nem tudo é o que realmente parece ser. O romance tem muito a oferecer em matéria de extração histórica e Santiago, apresenta uma narrativa repleta de subjetividade, dando ao leitor múltiplas possibilidades, das quais uma delas é a do conhecimento histórico através do texto ficcional. O romance, *Stella Manhattan*, se destaca entre tantas outras que retratam a temática do regime militar entre os anos 70 e 80, assim como é salientado por Schollhammer:

Os anos 70 se impõem sobre os escritores como a demanda de encontrar uma expressão estética que pudesse responder à situação política e social do regime autoritário. É esta responsabilidade social que se transforma numa procura de inovação da linguagem e de alternativas estilísticas às formas do realismo histórico (2009, p. 23).

Ainda utilizando Schollhammer, o romance entra no ambiente periférico de exilados, há uma controversa relação entre os conceitos do corpo e as exigências da realidade histórica da época. A obra se constrói retratando uma verossimilhança com a história, e esta realidade não está apenas relacionada às questões políticas da época, mas toca também em outras questões como identidade de gênero, em uma sociedade preconceituosa que reprime a personalidade dos indivíduos.

No entanto, *Stella Manhattan* consegue tratar os traumas da DM com diversos olhares, ampliando pontos de discussões que fizeram parte da vida de várias pessoas durante o RM. A guerrilha armada, o exílio, a disputa pelo poder e a memória de fatos importantes estão presentes, resguardando um passado que precisa ser lembrado, para que o esquecimento não proporcione acontecimentos como este novamente na nossa história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo é um senhor de muitas respostas e o presente talvez seja a maior de todas as interrogações. No Brasil, atualmente, o presente e o passado parecem se reencontrar com novos personagens, porém com roteiros bem parecidos. Os últimos anos vivenciados pelo país foram à força motriz para que esse trabalho ganhasse vida. Estudar a literatura e as artes em diversas perspectivas é desafiante. Somos instigados ao conhecer o romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, uma obra de muitos aspectos, a qual aborda temas sensíveis como sexualidade e duplicidade de identidade, temas que não deveriam ser tão delicados em pleno século XXI, mas que infelizmente são, assim como eram em 1985, quando sua primeira edição foi publicada. Além desses temas, outro particularmente nos chama a atenção, a maneira que o romance aborda a DM não apenas pela estética literária de Silviano, mas também com uma narrativa histórica, usando da ficção para mostrar aos seus leitores uma representação da realidade. Outro ponto que talvez tenha sido o principal motivador desse estudo é a semelhança do Brasil atual com aquele de mais de 50 anos atrás, que vivenciava um regime autoritário.

Ao usar a DM como plano de fundo do romance *Stella Manhattan*, Santiago apresentou, através dos personagens, os acontecimentos no Brasil durante os anos de chumbo, usando a construção do livro para mostrar fragmentos de uma realidade vivida, sem o compromisso historiográfico, mas trazendo para os leitores a história vestida de ficção.

Acreditar que a literatura pode ter um papel fundamental na construção social, através de suas obras, é o que torna romances como este tão significativo para a construção de uma sociedade que valorize sua cultura e seu meio artístico. A reflexão sobre o momento atual do país tem partido de diferentes espaços sociais, e parte do meio artístico mais uma vez tem se mostrado engajado na luta por um país igual para todos. Essa contribuição passa também pela literatura, e como ela pode entrar na vida de cada brasileiro em épocas distintas.

Obras como a de Silviano Santiago são relevantes para a discussão atual, e demonstram o quanto à literatura colabora com a sociedade, como dissemos acima. A ficção brasileira contemporânea dá luz a esse passado e continua a iluminar a recente conjuntura sociopolítica em que o discurso autoritário parece nos assombrar novamente.

A relevância desse estudo cumpre-se por relatar a semelhança da história em dois tempos, passado e presente, pois vivemos, em alguns aspectos, imposições autoritárias por parte dos nossos governantes. Sendo assim, a literatura propicia diferentes reflexões, e analisar uma ficção como *Stella Manhattan*, em uma época tão conturbada para o país, é sem

dúvida, reviver memórias passadas, anos que marcaram de forma dolorosa a vida de muita gente. Que romances como o de Silviano possam ser lidos cada vez mais, preservando a história pela perspectiva singular da literatura. O discurso encontrado na obra caberia muito bem à conjuntura vigente em diversos aspectos, e também pode ser usado como resistência e luta a tudo que vem se apresentando no nosso cenário sócio-político-cultural.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre azul, 2006.

GOMES, Alessandra Leila Borges; ALVES, Paula Rúbia O. do Vale. As fronteiras entre história e literatura em *As meninas*, **Revista Interdisciplinar**. Edição Especial 90 anos de Lygia Fagundes Telles, Itabaiana/SE, Ano VIII, v. 18, jan./jun. 2013.

FONSECA JUNIOR, Alexandre Luiz Ribeiro da. O recurso ao diário em *A noite da Espera*, de Milton Hatoum: O desenho de um conflito pessoal e de um conflito histórico – político. **Revista Humanidade e Inovação**, v.6, n.4, 2019, p. 140.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. In: Marcos Napolitano (Org.). São Paulo, SP: Contexto, 2014.

REGAL, Haroldo M. et al. (Orgs). **Os Presidentes e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro, RJ: Arquivo Nacional, 2001.

REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984** / Maria José de Rezende. Londrina, PR: Eduel, 2013.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio: Entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SALES, Jean Rodrigues. *A Ação Libertadora Nacional, a revolução cubana e a luta armada no Brasil*. **Tempo**, vol.14, n.27, pp.199-217, Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2009.

SALES, Jean Rodrigues. *A revolução cubana e as esquerdas brasileiras nas décadas de 1960 e 1970*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011.

SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan: romance**. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel (Orgs.). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.